

## O PAPEL DO ENFERMEIRO NO COMBATE À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Marcio Costa de Souza<sup>1</sup>  
Luise Barbosa Dias<sup>2</sup>  
Lídyia Maria Amaral Correia<sup>3</sup>  
Emily Souza dos Santos e Santos<sup>4</sup>  
Yamaní Eloy de Almeida Machado<sup>5</sup>  
Maria Clara Oliveira Pereira<sup>6</sup>  
Ana Clara Oliveira Duarte<sup>7</sup>  
Jeidson Antônio Moraes Marques<sup>8</sup>

**RESUMO:** As violências contra as mulheres são um grave problema de saúde pública que tem atingido o Brasil e o mundo. O objetivo do estudo foi explicar sobre as práticas de enfermagem nos cuidados da mulher violentada que requer aos serviços de saúde, bem como a análise da eficácia desse atendimento na vida dessa vítima. Foi realizada uma revisão integrativa de literatura, a partir das bases de dados Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e Scientific Electronic Library Online (SciELO), onde 20 produções científicas que versavam sobre o objeto do estudo foram selecionadas baseadas nos requisitos pré-estabelecidos. Os resultados demonstraram que apesar do papel indispensável dos enfermeiros na identificação das violências e nos cuidados destas mulheres a partir das suas práticas e ferramentas, lamentavelmente, muitos dos profissionais ainda se sentem despreparados e não conseguem realizar a tomada de medidas apropriadas aos casos. Conclui-se, portanto, que a Enfermagem possui um importante papel no combate à violência contra as mulheres, e, por isso, é imprescindível que haja o fortalecimento contínuo dos regulamentos de conduta dos profissionais de saúde no atendimento a esse tipo de violência, além de ser enfatizada a abordagem do assunto dentro de disciplinas voltadas à saúde da mulher, instruindo os futuros profissionais acerca do tema durante a graduação, para que o ciclo de desqualificação seja quebrado.

**Palavras-chaves:** Enfermagem. Mulher. Violência. Saúde.

<sup>1</sup>Doutor em Medicina e Saúde Humana pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, Professor Adjunto da Universidade Estadual de Feira de Santana. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4922-6786> ID Lattes: 4991656604681070 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4432029727621766>.

<sup>2</sup>Discente do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual de Feira de Santana Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-0117-8177> ID Lattes: 8352563399694527 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8352563399694527>

<sup>3</sup>Discente do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual de Feira de Santana Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-0082-8579> ID Lattes: 4991656604681070 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4991656604681070>

<sup>4</sup>Discente do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual de Feira de Santana Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-9587-4855> ID Lattes: 0031837616872307 Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0031837616872307>

<sup>5</sup>Discente do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual de Feira de Santana Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-1686-0939> ID Lattes: 7139653363343545 Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7139653363343545>

<sup>6</sup>Discente do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual de Feira de Santana Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-3520-8328> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9194590332744600> ID Lattes: 9194590332744600

<sup>7</sup>Discente do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual de Feira de Santana Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-8147-0200> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/786880747451887> ID Lattes: 786880747451887

<sup>8</sup>Doutor em Odontologia Preventiva e Social pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Professor Titular da Universidade Estadual de Feira de Santana. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3070-7077> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5885473983139193>.

**ABSTRACT:** Violence against women is a serious public health problem that has affected Brazil and the world. The objective of the study was to explain nursing practices in the care of abused women who require health services, as well as the analysis of the effectiveness of this care in the life of the victim. An integrative literature review was carried out, based on the Virtual Health Library (VHL) and Scientific Electronic Library Online (SciELO) databases, where 20 scientific productions that dealt with the object of the study were selected based on pre-established requirements. The results demonstrated that despite the indispensable role of nurses in identifying violence and caring for these women based on their practices and tools, being, in addition, an educational agent, capable of carrying out the promotion of health education actions, many of the professionals still feel unprepared and are unable to carry out the appropriate medical treatment for the cases. It is concluded, therefore, that Nursing has an important role in combating violence against women, and therefore, it is essential that there is a continuous strengthening of the regulations for the conduct of health professionals when dealing with this type of violence, in addition to the approach of the subject that must be emphasized within disciplines focused on women's health, instructing future professionals on the topic during graduation, so that the cycle of disqualification is broken.

**Keywords:** Nursing. Woman. Violence. Health.

## INTRODUÇÃO

A enfermagem tem o papel importante frente à violência contra a mulher, pois é uma profissão que mantém um contato mais próximo com os usuários e com a comunidade, facilitando assim a comunicação e a identificação das primeiras evidências de violência. Dentro dessa realidade, a Atenção Primária à Saúde (APS) é considerada a principal porta de entrada para o acolhimento de mulheres em situação de violência (SILVA; RIBEIRO, 2020).

Quando se trata de violência contra a mulher, estas precisam de tempo, respeito e uma escuta qualificada, geralmente proporcionada por um enfermeiro, já que ele normalmente tem o primeiro contato com a vítima. Sendo assim, este profissional deve ser qualificado para garantir o acolhimento humanizado e a interação adequada junto com a equipe multiprofissional utilizando sempre o processo de enfermagem como base para nortear as decisões e organizar o cuidado (ALVES et al, 2021).

Importante destacar que, a violência contra a mulher a coloca em posições subalternas da sociedade, que sucede da nítida distinção entre os sexos que se situa nos seguintes contextos: familiar, profissional, econômico, político e social, que traz estreita relação com as categorias de classe, raça/etnia e suas relações de poder que decorre tanto da esfera pública quanto privada. Esta diferenciação é fruto de uma construção histórica, que se alimenta, sobretudo, pela cultura patriarcal que esteve presente na divisão sexual do trabalho estruturada na separação do trabalho de homens

e mulheres e na valorização das atividades ditas masculinas, pois aos homens cabia a emancipação para saberes acadêmicos, para se dedicar às atividades nobres como a filosofia, a política e as artes, enquanto as mulheres deviam se dedicar ao cuidado com os filhos e restringir seus saberes ao ambiente doméstico, bem como tudo aquilo que diretamente estivesse ligado à subsistência do homem, como: a fiação, a tecelagem e a alimentação (DUARTE et al, 2015).

Desta forma, essas desigualdades se estruturam e impactam até os dias atuais de maneira direta no curso da garantia de direitos das mulheres e essa subvalorização repercute na marginalização de um gênero sob o outro; dito isto, observa-se que as mulheres sofrem violência quando são vítimas de políticas sexistas, atitudes verbais, psicológicas e físicas (PINAFI, 2007).

Diante deste aspecto, o (a) enfermeiro (a) tem papel importante frente às violências contra as mulheres brasileiras. Violências, estas, que podem ser físicas, sexuais ou psicológicas e que devem ser consideradas uma questão de saúde pública, afinal, segundo o Ministério da Saúde, é a principal razão de morbidades e mortalidades femininas (XAVIER; SILVA, 2019).

Nesse contexto, é preciso caracterizar os tipos de violências que mais acometem as mulheres a fim de prestar um atendimento mais humanizado, empático e especializado nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) e nas Unidades de Saúde da Família (USF), uma vez que são, normalmente, a “porta de entrada” dessas usuárias. Desse modo, a violência física (VF) é quando o agressor utiliza da sua força física, ou de algum tipo de arma, para lesionar a mulher, podendo deixar marcas visíveis e/ou perceptíveis ao profissional de saúde; já a violência sexual (VS) ocorre quando a pessoa obriga a outra a praticar insinuações e/ou relações sexuais; e, por fim, a violência psicológica (VP), que geralmente está associada a relacionamentos, mexendo com o emocional da vítima, deixando-a fragilizada (MELO et al., 2022; MONTEIRO et al., 2006).

Partindo do que é observado nos artigos relacionados ao tema, a presente pesquisa reúne trabalhos sobre a atuação do corpo de enfermagem em situações de violência contra a mulher, tanto no atendimento quanto no acolhimento dessas vítimas, no intuito de entender se, de fato, essa assistência tem sido satisfatória.

Tendo a pesquisa analisado trabalhos acadêmicos relacionados a essa temática em vários contextos, a hipótese levantada por esta pesquisa é a seguinte: A atenção que a equipe de enfermagem fornece às vítimas, desde a recepção da vítima até as aplicações das técnicas propriamente ditas, têm sido insatisfatórias e não acolhedoras, reverberando a agressão sofrida e tornando o atendimento mais uma violência a essa mulher.

Sendo assim, o objetivo do seguinte artigo foi descrever as práticas de enfermagem no amparo à mulher violentada que procura o serviço de saúde, a fim tanto de apresentar as técnicas utilizadas pelos profissionais de saúde quanto de analisar sua eficácia na vida da mulher que recebe o atendimento profissional.

## METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa bibliográfica, a qual as produções científicas foram coletadas, analisadas e discutidas para, então, a apresentação da revisão integrativa. Para realização da revisão integrativa foram realizadas as seguintes etapas: 1. Estabelecimento do problema, a partir da questão norteadora; 2. Seleção da amostra, após definição dos critérios de inclusão; 3. Caracterização dos estudos; 4. Análise dos resultados. A questão norteadora foi: O atendimento às mulheres vítimas de violência, por parte do corpo de enfermagem, é satisfatório em toda sua extensão?

A pesquisa foi realizada nas bases de dados do portal da Biblioteca Virtual de Saúde, Scientific Electronic Library Online (SciELO) e a partir dos descritores: Violência contra mulher, Enfermagem, Cuidados de enfermagem e Saúde. Foram selecionados 20 artigos que atenderam aos critérios de inclusão: estar em forma de artigo, em português ou inglês no período de 2013 a 2023; estar disponível na rede midiática na íntegra; apresentar conteúdos relevantes ao tema de pesquisa.

A partir da análise dos dados, foi permitida a elaboração dessa síntese de revisão integrativa.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O enfermeiro tem papel de grande importância no cuidado à saúde da mulher vítima de violência, visto que, tanto nos níveis de atenção básica, média ou de alta

complexidade é o profissional que está presente desde a admissão até o atendimento propriamente dito, o que tem como prática a criação de vínculos com as usuárias, que estabelece uma relação de proximidade, afeto, confiança, empatia e ética (MONTEIRO et al., 2006).

Uma das maneiras que esta violência pode ser revelada é pela consulta de enfermagem em Unidades Básicas de Saúde (UBS) e Unidades de Saúde da Família (USF), a qual o profissional, durante a anamnese e o exame físico, executa de forma holística. Como declara Souza et al (2021) essas consultas são ferramentas essenciais para a descoberta de algum tipo de violência, seja ela física, psicológica ou sexual, a exemplo de usuárias que antes iam a UBS com alegria porém apareciam em outra ocasião com um semblante triste, além de sinais como arranhões, hematomas ou lacerações vaginal. Segundo o mesmo autor, é comum receber nos hospitais situações de extrema violência contra as mulheres como ferimentos causados por arma branca e de fogo, que necessitam procedimentos cirúrgicos, e sinais de queimaduras. Depois da consulta o diagnóstico de enfermagem é formulado para dar continuidade a notificação e/ou denúncia.

Mas, por maior que seja a importância do enfermeiro nesta situação, há de se destacar um despreparo por parte do profissional na atenção à saúde das mulheres vítimas dessas violências. Em vários casos, estes não sabem conduzir os procedimentos de forma adequada, seja por uma lacuna no conhecimento ou por não possuírem um regulamento de conduta. Estes profissionais se limitam aos cuidados físicos e não se atentam aos danos psicológicos que a vítima sofreu. Souza et al (2021) declara que no atendimento à vítima de violência, muitas vezes a assistência necessária se limita a administração de medicamentos e curativos.

Em casos de maior complexidade, além de serem encaminhadas para outros serviços, a equipe compartilha as informações com o NASF (Núcleo de Apoio à Saúde da Família). Isso ocorre frequentemente por não terem habilidade de comunicação associada a empatia e sensibilidade, não dando o cuidado que atenda às necessidades desta mulher e não criando um ambiente propício ao acolhimento. Além disso, há despreparo na preservação de vestígios forenses, muitas vezes por não ter conhecimento da produção científica desta área, que são decisivos na busca do culpado pelo crime (SILVA et al., 2022).

Diante disso, é necessário ressaltar a importância da enfermagem forense, que vem crescendo no Brasil e tornando-se um importante auxiliar no seguimento da denúncia contra as violências doméstica e sexual, abusos e traumas. A consulta do enfermeiro forense é realizada em um local adequado, seguro e confidencial e busca, além da anamnese e do exame físico, a realização de testes diagnósticos, a coleta e a preservação dos vestígios forenses, sejam eles biológicos ou não. Foi comprovado que esses enfermeiros executam um atendimento mais abrangente que os outros profissionais de saúde, uma vez que, normalmente, estão preparados para a criação de vínculos com a vítima, o qual facilitaria o entendimento e a sequência da denúncia. Os programas realizados pela enfermagem forense oferecem alta qualidade no atendimento à vítima, trabalhando com a prevenção da gravidez e de IST's, ocasionadas pela violência sexual, por exemplo (RIBEIRO et al., 2021).

Nas produções relativas à percepção dos profissionais de saúde sobre a prevenção e o acolhimento nos casos de violência contra a mulher, identifica-se que eles reconhecem tal situação como problema a ser enfrentado, embora compartilhem sentimentos de impotência, incapacidade, desconforto e ansiedade ao se depararem com os casos de violência. Ademais, profissionais da enfermagem demonstram compreender os papéis sociais idealizados para os homens e as mulheres, ainda que esse reconhecimento nem sempre estivesse associado às desigualdades de gênero, quando consideravam, por exemplo, que as mulheres que deveriam tomar a iniciativa de romper com a situação de violência na relação; isso repercute nas falhas dos atendimentos, bem como na ausência de registros nos prontuários, contribuindo de tal forma com a invisibilidade da violência contra as mulheres (ANDRADE; FONSECA, 2015).

Além desta atuação, o papel de agente educador do enfermeiro nas unidades de saúde é essencial para promover ações de educação em saúde nestes lugares. Isso estimula as pessoas a reconhecerem situações de violência, tanto de forma pessoal quanto de outras atingidas, além de evidenciar a importância de dar continuidade na denúncia e também o compartilhamento das suas vivências, tornando a unidade de saúde um lugar de acolhimento e refúgio para as vítimas. Aliado a isso, também é relevante que toda a equipe seja instruída e treinada por esse profissional para saber lidar e atender de forma adequada e empática, dando direcionamento de como

prosseguir em casos desse tipo (DELMORO; VILELA, 2022; GOMES et al., 2022; SILVA; RIBEIRO, 2020).

## CONCLUSÃO

Esse estudo teve como objetivo responder primariamente como a atenção que a equipe de enfermagem fornece às vítimas, desde a recepção da vítima até às técnicas, pode ser benéfica ou prejudicial a depender do tipo de profissional, além de promover a visualização de práticas de enfermagem no amparo à mulher violentada que procura o serviço de saúde.

Dessa maneira, após os relatos e a revisão de literatura, ficou entendido que a Enfermagem possui um importante papel no combate a violência contra as mulheres. Mas, o que observamos é que, na prática, muitos enfermeiros(as) não se veem qualificados para exercer tal função. Seja por insegurança, despreparo ou até receio de como dar continuidade, eles não tomam as condutas cabíveis às situações de violência contra a mulher, colocando à prova o senso de empatia e cuidado holístico que devem ter com essas vítimas. Além disso, foi notado um desconhecimento por parte dos profissionais acerca da enfermagem forense, e suas importantes técnicas, que é um ramo facilitador do atendimento e cuidado às mulheres em situação de violência.

Em vista disso, aponta-se para a necessidade do fortalecimento dos regulamentos de conduta dos profissionais de saúde no atendimento mediante a esse tipo de violência, além da abordagem do assunto dentro de matérias voltadas à saúde da mulher visto a importância de discussão e instrução acerca do tema na graduação. Recomenda-se que novos estudos sejam feitos a respeito desta área de atuação para a implementação de técnicas e protocolos eficientes ao atendimento de vítimas, trazendo experiências que tornem o profissional mais eficiente e empático, enriquecendo, também, o currículo de enfermagem.

## REFERÊNCIAS

ALVES, O. M. et al. Tecnologia para apoio a assistência de enfermagem às mulheres em situação de violência sexual. *Acta Paulista de Enfermagem*. São Paulo, v. 34, e-APE001085, 2021.

DELMORO, I. C. L; VILELA, S. C. Violência contra a mulher: um estudo reflexivo sobre as principais causas, repercussões e atuação da enfermagem. *Enfermagem Atual In Derme*. Alfenas, v. 96, n. 38, e-021239, 2022.

DUARTE, M. C. et al. Gênero e violência contra a mulher na literatura de enfermagem: uma revisão. *Revista Brasileira de Enfermagem*. Brasília, v. 68, n.2, p.325-332, 2015.

GOMES, R. M. et al. Cuidados de enfermeiras à mulher em situação de violência doméstica: revisão integrativa. *Revista Nursing*. São Paulo, v. 25, n. 294, p. 8982-8986, 2022.

MELO, C. M.; SOARES, M. Q.; BEVILACQUA, P. D. Violência sexual: avaliação dos casos e da atenção às mulheres em unidade de saúde especializadas e não especializadas. *Ciência e Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 3715-3728, 2022.

MONTEIRO, C. F. S. et al. A violência contra a mulher atendida em unidade de urgência: uma contribuição da enfermagem. *Escola Anna Nery*. Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 273-279, 2006.

PINAFI, T. Violência contra a mulher: políticas públicas e medidas protetivas na contemporaneidade. *Arquivo Público do Estado de São Paulo: Revista histórica*. São Paulo, v. 10, n. 1, p. 1-10, 2007.

RIBEIRO, C. L. et al. Atuação do enfermeiro na preservação de vestígios na violência sexual contra a mulher: revisão integrativa. *Escola Anna Nery*. Rio de Janeiro, v. 25, n. 5, p. 133-141, 2021.

SANTOS, I. B. D. et al. Violência contra a mulher na vida: estudo entre usuárias da Atenção Primária. *Ciência & Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v. 25, n. 5, p. 1935-1946, 2020.

SILVA, R, X, et al. Preservação de vestígios forenses pela enfermagem nos serviços de emergência: revisão de escopo. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*. São Paulo, v. 30, n. 1, p. 3593-3606, 2022.

SILVA, V. G.; RIBEIRO, P. M. Violência contra as mulheres na prática de enfermeiras da atenção primária à saúde. *Escola Anna Nery*. Rio de Janeiro, v. 24, n. 4, p. 371-377, 2020.

SOUZA, A. R. DE. Et al. Violência Conjugal e prática assistencial por níveis de atenção à saúde: Discurso de enfermeiras. *Revista Cogitare enfermagem*. Curitiba, v. 26, n. 1, p. 74-83, 2021.

XAVIER, A. A. P.; SILVA, E. G. Assistência de enfermagem no atendimento de mulheres em situação de violência na atenção básica. *Revista de Iniciação Científica e Extensão*. Valparaíso de Goiás, v. 2, n. 2, p. 293-300, 2019.